

## A inscrição do Túmulo de D. Pedro em Alcobaça

---

Acaba o Governo de decretar, pelo Instituto Português do Património Cultural, a criação do Museu de Alcobaça, a instalar na ala norte e em parte da ala sul do Mosteiro de Santa Maria, prevendo-se a sua extensão, com o tempo e as exigências de instalação, aos claustros chamados do Rachador e dos Noviços.

O mais recente museu português desenvolverá as suas actividades nas áreas da museografia, da investigação e da acção cultural, com o objectivo último de fomentar e ampliar o entendimento do Mosteiro na sua projecção histórica, artística, cultural e sócio-económica.

Acedendo à solicitação, permita-se-nos a divulgação, que temos por oportuna, de uma breve reflexão sobre este santuário de multifacetada cultura, que é o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.

### I - Este nome sonoro *Alcobaça*

Conhece-se, finalmente, sem margem para dúvidas, a origem da palavra ALCOBAÇA, que, por tantos anos, e ainda hoje para alguns, se supunha fosse um composto resultante dos nomes ALCOA e BAÇA. É um processo de explicação designado por *etimologia popular*, pelo qual o povo, que tudo explica à sua maneira, procura uma justificação para a origem das palavras.

Aqui parecia fácil: se existiam os dois rios, ou ribeiras, designadas por ALCOA (um braço deste até circunda pela cozinha do Mosteiro...) e BAÇA, nada mais natural se o nome Alcobaça tivesse resultado da junção dos dois. Só que, antes de existirem *Alcoa* e *Baça*, já existia Alcobaça, e é a esta que os rios vão buscar a sua designação tradicional.

Como se terá processado tudo isto?

Uma possível explicação surge ao meu espírito. Penso que, neste caso, houve a intervenção erudita dos frades.

As margens do Jordão, cantadas nos salmos bíblicos, eram uma região de água murmurante,

por entre vegetação luxuriante, o país da tribo de Dão, onde o Jor e o Dão se uniam para formar o rio Jordão; nesse local, onde os Romanos tinham construído um templo consagrado ao deus Pã, Jesus fizera uma paragem com os seus discípulos, ao pé de um rochedo monumental, e diria ao seu fiel Simão: «Tu és Pedro, e sobre uma pedra como esta edificarei a minha Igreja.» («E porque és tão sólido como esta pedra, serás também o alicerce da minha Igreja.») Quem o conta, com grande beleza e simplicidade, é Daniel Rops, na sua obra, tão aliciante, *A Palestina no Tempo de Jesus*.

Assim, a evocação da semelhança paisagística entre aquela «pequena Suíça palestiniana», na qual confluíam o *Jor* e o *Dão*, sugeria Alcobaça, onde se encontravam o *Alcoa* e o *Baça*. Alcobaça «parece levantar-se do seio dos rios que a cruzam», observaria, em 1794, William Beckford. Da erudição dos frades passou a explicação do povo, e ainda hoje se mantém...

Qual é então a proveniência do nome ALCOBAÇA, já que, há bem pouco tempo, numa obra tão importante como os *Tesouros Artísticos de Portugal*, ainda se escrevia, erradamente, que a «designação provável parece ser Helcobatie, nome de uma povoação romana situada próximo dos limites da actual vila»? É um topónimo de origem árabe, derivado da palavra *hubbāza* ou *hubbāzā* que significa «malva, malva com folhas cor-de-rosa», tornado nome de pessoa, como se comprova com este exemplo citado por um autor árabe dos séc. IX-X: Ibn Al-Hubbāza. É esta a origem exacta da palavra ALCOBAÇA. Explicação idêntica encontramos para o topónimo vizinho *Alfeizerão*, este derivado também do árabe Al-Hayzurān, «o bambu, a cana de bambu», tornado ainda nome pessoal, como se exemplifica com o antropónimo Walid b. Hayzurān.

Outros casos de *Alcobaça*, e até *Alcobacinha*, existentes no País, resultam, como crê o Prof. Pedro da Cunha Serra, o melhor e mais recente estudioso destes topónimos, «da propagação do nome da cabeça do Couto, a ALCOBAÇA primigénia».

## II - O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça

É difícil apresentar uma explicação clara para a origem e evolução da igreja e do mosteiro de Alcobaça; as que temos — quase cada autor sua opinião — não são de todo convincentes quanto às razões do nascimento e às sucessivas intervenções e acrescentos através dos séculos.

Templo de transição para o Gótico, respeitando a austeridade exigida pela Ordem de Cister, as muitas alterações e aditamentos que sofreu do séc. XII ao séc. XVIII impõem-nos que façamos desta monumental abadia uma leitura muito cuidada.

Que razões determinaram o primeiro rei de Portugal a criar em Alcobaça, em 1152, a Real Abadia de Santa Maria, que haveria de permanecer, até hoje, como uma das de maior monumentalidade de toda a Europa ocidental, devidas ao génio dos Cistercienses? Postas de lado as fantasias de Frei Bernardo de Brito, e para além de um acto inegável de devoção, D. Afonso Henriques pretendeu sobretudo aproveitar e valorizar a Estremadura, confiando a fundação da nova abadia aos

monges cistercienses, vindos de França, já com provas dadas na ocupação, povoamento e exploração de terras, desde a chegada a Portugal em 1138, e sua instalação em S. João de Tarouca.

Neste notável conjunto arquitectónico, cuja construção se iniciou em 1178 com as obras da igreja a que o visitante de hoje ascende por um dos três lanços de escadas, que vão dar a um vasto patamar pétreo, distinguem-se a fachada da igreja e do mosteiro; a igreja propriamente dita, que não foi construída numa só fase, e consagrada em 1252; a sala dos reis; a sacristia, cuja porta é um exemplar pujante do Manuelino; o relicário ou santuário; o claustro principal; a casa do capítulo; a cozinha, o refeitório e o dormitório, que os frades começaram a utilizar a partir de 1223 (até então habitavam um mosteiro provisório, iniciado com a criação da abadia); a livraria, os celeiros e as oficinas.

Enquanto os corpos frontais do mosteiro, com o seu espírito barroco, são tardios (sécs. XVII e XVIII), a fachada da igreja ainda conserva o portal da construção primitiva. O observador notará de imediato a harmonia entre o pórtico e a rosácea, entre o primeiro e o segundo corpo, e sobrevém-lhe ao espírito a comparação com a Sé de Lisboa e as janelas góticas, duas de cada lado, substituídas em Alcobaça por janelas manuelinas.

O visitante de hoje, que tem oportunidade de desfrutar este monumento ímpar, ficará, por outro lado, desfavoravelmente impressionado, ao verificar que boa parte das suas instalações se encontra utilizada por serviços diversos, o mais arredios possível das actividades tradicionais do mosteiro. Mas, como essa desejada desocupação já se iniciou, tenhamos esperança de ver um dia, que não seja muito distante, aquele monumental conjunto arquitectónico restituído à pureza inicial.

Será que voltaremos a ver, ali reunido, o que resta da onírica livraria de Alcobaça? Será que ainda assistiremos ao renascer, ali, qual Fénix, da arte tipográfica que notabilizou o mosteiro? Praza a Deus...

### III - Aqui espero o fim do Mundo

São os túmulos de Pedro e Inês exemplares inexecíveis de escultura sepulcral trecentista. No primeiro, resulta espectacular a representação de cenas da lenda de S. Bartolomeu apóstolo; da recepção, por D. Pedro, dos últimos sacramentos; a extraordinária rosácea; cenas vivas em que participam, D. Afonso IV, D. Pedro, D. Constança, D. Inês com seus filhos e outras figuras alusivas à tragédia do paço real de Santa Clara, tudo de uma beleza incomparável. No túmulo de D. Inês, são as maravilhosas cenas da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Anunciação à Crucificação; a representação da ressurreição dos mortos no último dia, o julgamento final e o destino dos bons e dos maus, para sempre.

Note-se que estes túmulos admiráveis, que, só por si, justificariam uma visita a Alcobaça, para além de documentos imperecíveis do alto nível e capacidade escultórica dos artistas alcobacenses,

representam também testemunhos históricos insubstituíveis: foi através da sua análise que o Professor da Universidade de Coimbra, Doutor António de Vasconcelos, pôde concluir que Inês de Castro foi julgada, condenada e decapitada segundo a justiça da época, que tudo se encontra reproduzido no seu túmulo, afastando de vez essa tão bela lenda do «assassínio» de Inês de Castro, que tem tudo de poético, e nada de verdade histórica.

Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regados tinha,  
Que encarniçavam, fêrvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que, em tomando do Reino governança,  
A tomou dos fugidos homicidas;  
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,  
Que ambos, imigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram, duro e injusto,  
Que com Lépidio e António fez Augusto.

*Os Lusíadas*, III, 132 e 136.

Pois é no túmulo de D. Pedro, na rosácea da cabeceira, que se lê, na significação e ortografia medievais (A. E. AFIN. DOMUDO) uma famosa inscrição, que tanta tinta fez correr (e ainda hoje é mal interpretada por alguns...), que transcrevemos em linguagem moderna:

Aqui espero o fim do Mundo

Aqui aguardo o Juízo Final, o despertar para a vida eterna e a coroa da bem-aventurança que só aos justos é devida.

De que espaço careceríamos para exaltar as belezas de Alcobaça e seu mosteiro!

Fique, ao menos, radicada em nós a convicção de que muito dificilmente encontraremos lugar eleito onde melhor se conjugue o trinómio HISTÓRIA — ARTE — CULTURA, de que o espírito se alimenta.



Túmulo de D. Pedro em Alcobaça